

A REGRA — O HOMEM QUE NUNCA EXISTIU

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra literária completa • Projeto de adaptação editorial e audiovisual

Juvêncio Marins

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais



1. Ficha da obra

Título: A REGRA — O HOMEM QUE NUNCA EXISTIU

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Thriller de ficção científica / mistério arqueológico / suspense histórico e conspiratório.

Extensão: 179 páginas (edição apresentada).

Estágio de desenvolvimento: Obra literária completa.

Ambientação: Estados Unidos contemporâneos, com núcleos científicos no Vale do Silício e Colorado; Nova York; Babilônia e territórios do exílio hebreu na Antiguidade.

Público-alvo: Jovens adultos e adultos interessados em ficção científica, enigmas bíblicos, arqueologia, suspense e aventuras históricas.

Formato de exploração: Edição literária e adaptação audiovisual.

2. Pitch

Uma astroarqueóloga encontra vestígios de uma intervenção extraterrestre nas origens da religião hebraica, enquanto seu marido desenvolve o “Fluído”, uma substância capaz de substituir o sangue humano e transformar os limites da longevidade. As revelações de Mariska Jamerson a conduzem à Babilônia do profeta Ezequiel e de seu discípulo Ariel — e a um confronto com A REGRA, força cujos agentes continuam atuando no presente. Entre ciência, fé e poder, descobrir a verdade pode significar desafiar a própria ordem que governa a humanidade.

3. Sinopse

A astroarqueóloga Mariska Jamerson é fascinada pelos textos do Antigo Testamento, relacionando as escavações da sua equipe pelos locais citados na Bíblia, onde supostamente houve o encontro de Deus e seus anjos com profetas e o povo hebreu.

Buscando recursos para financiar as experiências científicas do marido, relacionadas com o experimento chamado “Fluído”, uma substância capaz de substituir o sangue humano e prolongar a existência terrena, a astroarqueóloga Mariska Jamerson descobre provas de que extraterrestres moldaram a antiga religião hebréia, durante o exílio dos judeus na Babilônia.

Mariska descobre a revelação feita a Ariel, um discípulo do Profeta Ezequiel,, e a "tecnologia" para os sacerdotes hebreus se submeterem à sua divindade.

Com uma narrativa hipnótica e contagiante, repleta de aventura, reviravoltas, suspense, ação e humor, A REGRA - O HOMEM QUE NUNCA EXISTIU, demonstra que por trás das palavras e símbolos bíblicos há muito mais do que fé e devoção, há a figura de um homem que resolveu enfrentar Deus e os seus enviados, vivendo a maior experiência extraterrestre e científica jamais imaginada.

Mariska não poderia imaginar as consequências de sua descoberta, pois, sem saber, estava destinada a desafiar A REGRA e seus agentes espalhados pelo planeta, inclusive hoje.

4. Diferenciais e posicionamento

Duas temporalidades conectadas. A investigação contemporânea de Mariska dialoga com o exílio hebreu na Babilônia, criando suspense a partir do encontro entre arqueologia, memória religiosa e ficção científica.

Conflito entre ciência e poder. O “Fluído” (RWTP-3), desenvolvido por Roberto Jamerson, promete alterar os limites biológicos da vida, despertando interesses corporativos, militares e políticos.

Releitura ficcional de narrativas bíblicas. As visões do profeta Ezequiel, a figura de Ariel e os seres vindos dos céus sustentam um mistério sobre autoridade, crença e tecnologia.

Protagonista investigadora. Mariska reúne pesquisa arqueológica, capacidade de interpretação e disposição para enfrentar explicações consagradas.

Conspiração de longo alcance. A REGRA conecta acontecimentos remotos a agentes contemporâneos e amplia progressivamente as consequências da descoberta.

Identidade visual. Tabuletas e inscrições antigas, paisagens mesopotâmicas, artefatos metálicos e laboratórios de biocibernética criam um universo cinematográfico singular.

5. Potencial editorial e comercial

A REGRA — O HOMEM QUE NUNCA EXISTIU reúne suspense científico, aventura arqueológica e mistério histórico-religioso. A narrativa pode alcançar leitores de thrillers de conspiração, ficção científica de ideias e aventuras ambientadas na Antiguidade.

A articulação entre as descobertas de Mariska, a pesquisa de Roberto Jamerson e os acontecimentos ligados a Ezequiel e Ariel oferece múltiplos pontos de entrada para a divulgação editorial. O questionamento das fronteiras entre fé, tecnologia e autoridade constitui o centro de sua identidade temática.

A obra possui elementos visuais de forte apelo para capas, trailers, apresentações a agentes literários e materiais promocionais digitais, com destaque para o contraste entre ruínas babilônicas e tecnologia científica contemporânea.

6. Potencial de adaptação audiovisual

Estrutura dramática: a descoberta científica do Fluído e a investigação arqueológica de Mariska podem ser apresentadas em linhas narrativas paralelas, convergindo para os segredos de A REGRA.

Sequências visuais: laboratórios de biocibernética, testes com RWTP-3, conferências internacionais, escavações, Babilônia antiga, as visões de Ezequiel e encontros com seres de origem desconhecida.

Núcleo de personagens: Mariska Jamerson e Roberto Jamerson articulam o presente; Ezequiel e Ariel sustentam o eixo histórico; os interesses científicos, empresariais e políticos aprofundam o conflito.

Conflito temático: liberdade de pensamento diante de estruturas de poder; longevidade e seus limites éticos; o choque entre interpretação religiosa e explicação tecnológica.

Formatos possíveis: longa-metragem de aventura e suspense científico ou série limitada, capaz de alternar o presente e a Babilônia antiga com revelações progressivas.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores jovens adultos e adultos interessados em ficção científica, arqueologia, história antiga, mistérios bíblicos, teorias de contato extraterrestre como recurso ficcional, conspirações, descobertas científicas, ação e suspense.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentos Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capa, textos introdutórios e capítulos 1 a 9



Juvêncio Marins

A
REGRA

Livro Um
O Homem que nunca existiu

A REGRA

Livro Um
O Homem que nunca existiu

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a todas as pessoas companheiras por esta passagem terrena, principalmente àquelas que acreditam na existência da regra que rege este e outros universos.

FATO

As pesquisas pela busca de antígenos, capazes de propiciar longevidade e alterar a constituição do sangue humano, são realizadas em diversas partes do mundo desde a década de 1930 — inclusive no Vale do Silício, financiadas por poderosas corporações farmacêuticas, industriais e militares.

A agência espacial norte-americana — NASA, apesar de ter seu orçamento reduzido em cerca de vinte por cento, na comparação com a década passada, desenvolve, em paralelo às suas atividades de exploração espacial, projetos relacionados ao desenvolvimento de antígenos que desencadeiem uma resposta imunológica — interagindo com os anticorpos, inclusive para fins militares.

O Vale do Silício é uma região da Califórnia, nos Estados Unidos, na qual está situado um conjunto de empresas implantadas a partir da década de 1950, com o objetivo de gerar inovações científicas e tecnológicas, especialmente pela ampliação da capacidade produtiva de seus laboratórios de biocibernética, ramo científico dedicado à cura de doenças.

NOTA 1

Os nomes dos patriarcas bíblicos citados neste livro são factuais, assim como as citações relativas ao mesmo. Sobre a existência ou não de um filho desaparecido do Profeta Ezequiel, recentes estudos realizados por pesquisadores israelitas ilustram a sua possibilidade real.

NOTA 2

Conforme mais anunnakis aterrissavam na Terra, seu número com o tempo subiu para 600, alguns foram designados ao Mundo Inferior para ajudar Enki a minerar o ouro, outros manejavam as naves de minérios, e o resto ficou com Enlil, na Mesopotâmia. Lá, colônias adicionais foram estabelecidas de acordo com o plano de regras disposto por Enlil, seguindo as ordens de Anu, como parte de um plano organizacional completo e procedimentos bem definidos (As Guerras dos Deuses e dos Homens – Zecharia Sitchin).

Ora, aconteceu no trigésimo ano, no quarto mês, no dia quinto do mês, que estando eu no meio dos cativos, junto ao rio Quebar, se abriram os céus, e eu tive visões de Deus. No quinto dia do mês, já no quinto ano do cativeiro do rei Joaquim.

Veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote, na terra dos caldeus, junto ao rio Quebar; e ali esteve sobre ele a mão do Senhor.

Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo que emitia labaredas, e um resplendor ao redor dela; e do meio do fogo saía uma coisa metálica como o brilho de âmbar.

E do meio dela saía a semelhança de quatro seres viventes. E esta era a sua aparência: tinham a semelhança de homem.

Bíblia, Antigo Testamento
Livro do profeta Ezequiel

Dize: Ó adeptos do Livro, em nada vos fundamentareis, enquanto não observardes os ensinamentos da Tora, do Evangelho e do que foi revelado por Allah, vosso Senhor!

Alcorão Sagrado

5ª Surata Al Maída – A Mesa Servida – Parte 6

Ele aperfeiçoou os procedimentos;
Deu as regras;
As ordenações divinas;
Chamou-as pelo nome;
Dispô-las como centros;
A primeira dessas cidades, Eridu;
Ele concedeu a Nudimmud, o pioneiro;
Aquele que competiria entregar os livros;
Dizer o funcionamento das coisas.

Tabuleta 351 dos Destinos Zu, London University
Livro III das Crônicas da Terra – Zecharia Sitchin

Si Deum, qui est Deus?¹

¹ *Se Deus existe, quem é Deus? (nota do autor)*

Parte I

#

O FLUÍDO

Alienígenas no passado humano

Por Mariska Jamerson²

A história necessita ser revisada.

Autores há, aos montes, que anunciam diariamente novas descobertas sobre o passado humano e os primórdios da Terra. Viajar para o infinito espaço sideral não é mais sonho. É real. E ele precisa ser revisto, sob novas óticas.

O espaço que devemos revisar é também o de nossa mente. Necessitamos de uma perseverante dedicação para continuar procurando novas pistas que, cedo ou tarde, permitirão abrir outras portas em direção ao mistério, embora intuamos que jamais se tratará da ‘porta final’.

Enquanto isso, a missão de divulgar o que sabemos a respeito do assunto é imprescindível.

Equivocam-se os que consideram que o público não está preparado para se inteirar da verdade. Os povos, em algum momento, despertam e exigem estar a par dos fatos, com justa razão e motivo. Os que na realidade têm o poder, que maneja os governos há tempos, calaram muitos e valiosos difusores do fenômeno OVNI em reiteradas oportunidades, sustentando que se pode produzir um pânico coletivo; no entanto, lembremos que o homem teme o desconhecido. Se, portanto, nos encarregamos de divulgar o pouco ou o muito que se sabe sobre a questão, isso será um passo adiante em prol da compreensão e coerência da problemática que nos ocupa.

² Mariska Jamerson, astroarqueóloga, professora e escritora. Personagem deste livro.

Penso, como estudiosa e pesquisadora, existirem boas razões para suspeitar que exista algo desconhecido que trata de dissuadir, e inclusive de fazer ‘desaparecer’, os pesquisadores da questão. Poderia citar o ‘suicídio do professor James McDonald ou o de Morris Jessup, ou o câncer súbito que causou o rápido desaparecimento de Richard Turner³.

Estamos diante de um tema que vai muitíssimo além da simples observação de um objeto não-identificado ou da apreciação de um artefato descoberto nas colinas do mar Morto.

O fenômeno dos OVNI's e das presenças extra-humanas na Terra ficará totalmente revelado no dia em que os alienígenas voltarem a se comunicar periodicamente conosco, os humanos, como já o fizeram em datas bastante longínquas. Talvez quando a humanidade estiver viajando a caminho das estrelas.

Nossa posição está sustentada concretamente. Do contrário, teríamos dado um enorme passo pra trás e estaríamos na mesma situação dos dias em que o mais conveniente para Galileu foi abjurar para que não lhe ocorresse o que aconteceu com Giordano Bruno, que conheceu a dor que os mais ferozes instrumentos de tortura provocam, e, finalmente, foi levado à fogueira, luzindo uma mordaca metálica que atravessava sua língua, impedindo-o de pronunciar sequer uma palavra.

Atualmente, já não se usam fogueiras. Há outros métodos sutis – ou nem tanto, de fazer calar, desacreditar ou retirar subsídios, para impedir que se diga à população que os extraterrestres foram, no mínimo, mestres em tempos passados. Eles ensinaram ao homem muitas coisas: recordemos a crença do povo asteca de que foi um deus chegado do céu quem lhe ensinou a cultivar o milho, para que sempre tivesse alimento.

O que aconteceu mais tarde?

A decadência daquelas florescentes civilizações (egípcia, assíria, babilônica, maia, asteca, inca) coincide, segundo a opinião corrente

³ Fatos verídicos, as mortes das pessoas citadas.

entre os estudiosos do tema, com o momento em que os visitantes do espaço voltaram a seu lugar de origem.

E, torno a perguntar, o que aconteceu? Por que essa repentina mudança? Eles consideraram, por acaso, que era hora de nos deixar agir segundo nosso critério? Ou será que, com o espírito sempre belicoso que nos anima, cometemos imprudentes erros e falhamos constantemente.

Parece que eles, os alienígenas, os mestres, não têm intenção de retornar o contato, digamos, oficialmente com os humanos. Talvez.

Os que afirmam ser amigos ou contatados de ganimedianos, jovianos, marcianos, umitas, astrais ou seres de Sírio – a grande constelação do Cão Maior, sob nossa ótica, não merecem francamente absoluta confiança.

Não sei bem explicar meu sentimento quanto a isso, quanto a tais ‘contatados’, que esperam e declaram que seus comunicadores preparam um plano de salvação, algo como uma nova Arca de Noé, para onde será levada, ao espaço, uma certa quantidade de pessoas, quando a Terra sofrer seu cataclismo final. Mas, como mulher, e descendente de pessoas que sofreram os horrores praticados durante a Segunda Guerra Mundial pelos nazistas, desconfio, e com razão, naturalmente, de intenções dessa natureza.

Na verdade, estamos envoltos numa espessa teia de aranha, cujos fios estão firmemente aferrados aos setores terrenos mais inesperados.

Provavelmente, o melhor dos romances jamais teria podido enredar tamanhas intrigas e questões tão delicadas.

New York, dias atuais

Capítulo Um

Vale do Silício, dias atuais

Na sala de experimentos da empresa Lomanz Tecnológica, sentado com os cotovelos sobre a mesa de metal, o professor e engenheiro biocibernético Roberto Jamerson mirava a tela holográfica do computador e avaliava a extensão do grito de sucesso de sua equipe.

Roberto levantou os olhos parecendo contente, agradecendo aos aplausos. As imagens dos eventos fantásticos ocorridos nos últimos quarenta minutos anteriores preenchiam a sua mente, enquanto ele recebia tapinhas de felicitações nas costas.

Não era a primeira vez que Roberto Jamerson era alvo de elogios e aprovações naquele período. Dias antes, durante um evento militar secreto na Zona C-3, na costa leste, ele recebeu congratulações pela perfeita exibição da eficácia dos antígenos neurais, capazes de eliminar doenças de origem motora e cardiocerebral.

As descobertas dele e de sua equipe haviam feito a ciência biocibernética avançar décadas em meses, conforme avaliaram os especialistas. Roberto se mostrava satisfeito com os resultados, embora absolutamente descontente com as propostas.

Naquele exato instante, apesar do clima comemorativo, ele mantinha-se pensativo, enquanto contemplava o casal de cobaias dentro do receptáculo, após a inoculação do elemento RWTP-3, conhecido por ‘fluido’.

“Não posso permitir” — pensou, olhando para o envelope marcado com o símbolo militar.

— Sucesso completo, professor — vibrou a assistente Diana Fafin, beijando-lhe o rosto.

— Estamos prontos para o teste em humanos, Roberto — disse Mark Wertz, o diretor da Lomanz Tecnológica, esfregando a mão em seu ombro.

O rosto de Roberto encheu-se de alegria, com o afago recebido.

— Você tinha dúvidas de que conseguiríamos? — perguntou Mark, curvando-se pra frente.

Roberto sorriu, fechando os olhos.

— Somos deuses, meu caro. Somos deuses. O fluído é um sucesso. Conseguimos substituir completamente o sangue de dois animais, mantendo-os vivos e completamente imunes à qualquer doença ou mal — continuou Mark, sacudindo-o alegremente.

Roberto somente escutava. Quando ele fechou os olhos, parecia que não havia mais uma mesa diante dele. Em vez dela, havia duas poltronas reclináveis com lâmpadas de leitura ao lado. No lugar do computador, estava havia uma lareira e uma estante cheia de volumes de ciência, arqueologia e física. Ele enxergava os livros tão cristalinamente que praticamente podia ler os seus títulos e folhear as suas páginas.

- O elemento RWTP-3 é um sucesso. Você é um homem rico e poderoso a partir de agora, Roberto – salivou Mark Wertz, com olhos vibrantes.

“Mariska” — pensou Roberto, sem lhe dar atenção, imaginando a figura elegante e desenvolta da esposa, parada perto da lareira, convidando-o para o amor.

Mark colocou a mão sobre o computador, segurando a taça com vinho, trazendo-o de volta à realidade. Seu rosto refletia a felicidade de poder ser parceiro naquela empreitada.

— Mudamos o curso da história humana. Você é um deus, Roberto. Um homem-deus! — exclamou, com os olhos fixos nas estupefatas expressões faciais dos militares, cientistas e empresários que acompanhavam a experiência.

Embora feliz por ter comprovado a sua teoria, verificando o êxito do projeto RWTP-3, Roberto Jamerson esforçava-se para manter a fleuma, diante do assedio que sabia estava por vir. Seu maior consolo era saber que visava o engrandecimento da raça humana.

No entanto, e o brilho astucioso dos olhos de Mark assim parecia indicar, mais uma vez uma grande descoberta teria que se curvar aos interesses de mercado.

— Deus agora é passado — concluiu Mark Wertz, brindando.

Capítulo Dois

Alguns dias depois

Passava um pouco das quatro da tarde quando o oficial de campo autorizou a entrada de um grupo de homens. Eram investidores. Dois russos, um deles já idoso; e três outros: um japonês, um chinês e um árabe. Todos interessados nos resultados da experiência com o elemento RWTP-3, promovida por Roberto Jamerson, na Lomanz Tecnológica. Tinham o típico aspecto dos comerciantes ávidos pelo lucro, e em suas faces estava escrito, subliminarmente, o desejo de êxito a qualquer custo.

Não tinham atravessado metade da América apenas para conhecer as instalações daquela base militar no sul do Colorado. Estavam ali com um propósito: o fluido.

Conferidas as suas autorizações, eles caminharam retos até o elevador de porta azul, junto com o oficial de campo, onde um tenente com sardas no rosto e cabelos escovados os aguardava.

Trocaram um breve olhar por meio das lentes escuras dos óculos que lhes foram entregues ainda na entrada do prédio militar. Um dos russos olhou para o relógio, ciente de que estavam religiosamente dentro do horário previamente estabelecido com o diretor Mark Wertz. O japonês exibiu um riso, no canto da boca, recordando do apoio financeiro e logístico que o grupo que eles representavam tinha dado a Wertz, desde que este assumira a condição de chefe do projeto 'Fluido'.

Wertz, conforme recordava o japonês, à medida que foi subindo na carreira dentro da Lomanz Tecnológica, ficou conhecido por suas análises coesas e sucintas de situações altamente complexas. Parecia ter uma habilidade única de enxergar além das complexidades morais que sempre envolviam as difíceis decisões da estratégica empresa de biocibernética, e depois agir sem remorsos.

Nenhum daqueles dois russos e nem os outros homens que estavam com eles, tinha dúvidas de que Wertz amava o seu país. Sabiam que ele era tido entre seus colegas como um patriota e um visionário, um suposto homem decente em um mundo de mentiras, capaz de ver, num jovem cientista, a possibilidade real de mudança na genética, em benefício de toda a raça humana.

Mas, Mark Wertz tinha seu lado de lobo, também.

Desde que Roberto Jamerson começou a trabalhar na Lomanz Tecnológica, Wertz subiu rapidamente de seu posto de chefe do Desenvolvimento genético para o posto de diretor da firma, segundo em comando, abaixo somente do presidente, indicado por grandes financistas de Wall Street e pela alta cúpula política e militar de Wasghinton.

Os russos e os outros investidores sabiam que o homem certo para tratar do experimento era Wertz. Ele não poria obstáculos, até porque já tinha repassado a base técnica do produto para os militares do Pentágono e os da OTAN. Wertz queria mais. Dinheiro. Poder. Publicidade. Há muito acalentava um sonho político. Via no projeto do cientista Roberto Jamerson, não apenas a porta para a extensão da longevidade humana, mas, principalmente, a real possibilidade de angariar recursos financeiros, para lastrear uma incipiente carreira.

- Obrigado por estarem aqui – disse Wertz aos recém-chegados, notando que eles já usavam os óculos especiais.

- Você parece cansado – disse o chinês, percebendo olheiras agudas.

Wertz sorriu.

- Dormir num quartel não é igual a pernoitar num cinco estrelas.

O russo ao lado não sorriu.

- O general Donald estará presente? – perguntou.

Wertz suspirou.

- Sem ele, não haveria experimento. – disse.

- Perfeito.

Wertz os mediu com o canto do olhar.

- O objetivo de vocês será exclusivamente militar? – perguntou.

- E o de vocês, não? – rebateu o russo mais jovem.

Wertz sacudiu os ombros e respondeu:

- Acredito que o experimento possa ser utilizado em todos os humanos.

- Isso é utopia. Vai querer que sete bilhões de humanos possam viver indefinidamente? Sem doenças? Sem medos? Cientes de que podem vencer a morte?

Wertz balançou a cabeça. O russo jovem prosseguiu:

- Para que esse projeto dê certo, se fará necessário um expurgo humano. Inexistirá sucesso acaso a população não decresça. Como o mundo irá alimentar sete bilhões de viventes quase que eternos? Empregos? Lazer? Espaços? Não. Nossos patrocinadores estão conscientes de que um expurgo será necessário.

Mark Wertz sentou e colocou uma das mãos no queixo, antes de tornar a falar:

- Certamente à força – murmurou.

O russo mais velho sorriu pela primeira vez, desde que o encontrou no gabinete. Sentando, e permitindo aparecer o topo de sua cabeça, onde uma verruga sinuosa se exibia, ele respondeu:

- Há outra maneira? Nossos sócios aqui presentes já consideram a questão aprovada na próxima sessão conjunta das Nações Unidas. O Conselho de Segurança será unânime na ação que será proposta.

Wertz fez uma expressão apertada.

- E? – perguntou, já sabendo perfeitamente qual seria a resposta.

O russo manteve o riso, que agora tornava a linha de seus lábios algo parecido com a boca de uma serpente.

- O elemento RWTP-3 é a mais importante descoberta científica da história humana – murmurou o chinês, olhando para os dois, adiantando parte da resposta do russo.

Mark Wertz firmou o olhar, procurando algo que sabia inexistir na fleuma daquele homem.

- Quem vai se importar com latinos, africanos e asiáticos de origem não chinesa, japonesa ou coreana, afinal? – observou, finalmente, o russo, ainda sorrindo.

Capítulo Três

24 horas depois

Mark Wertz já tinha estado no ambiente reservado à inoculação do elemento RWTP-3, em cobaias, dezenas de vezes, para assistir os testes com a substância. Poderia descrever cada um dos instrumentos utilizados naquela ampla sala diagonal, sem errar nem na medida e nem no preço.

Ali era como a extensão de sua casa.

Mas, havia algo de particularmente incômodo em relação àquela cobaia. Não era mais um rato, um coelho ou qualquer outro animal com circunspeção física aproximada da dos seres humanos. Não era mais um mamífero imaculadamente limpo e penteado deitado em algo parecido com um caixão revestido. Era um corpo. Adulto. Um homem hispânico, que tinha sido despido e colocado com toda cerimônia em uma mesa de alumínio, com olhos que possuíam ainda uma expressão vazia, quase sem vida, virados para o teto, tristemente congelados pela dor sinistra da doença nefasta que o consumia por dentro.

- Donde están sus dores? – perguntou, em castelhano fluente, o cientista Arthur Flechert ao moribundo, sob o olhar calado de Wertz.

O homem mostrou dentes amarelados e mexeu o esquelético indicador até a região do estômago. Arthur Flechert fez um aceno, dando um riso imperceptível.

Arthur era auxiliar direto de Roberto Jamerson, e conhecia profundamente a sistemática e os procedimentos para o manuseio do

elemento RWTP-3. Era o segundo na hierarquia científica na Lomanz Tencológica. Contudo, discordava de Jamerson quanto à aplicação da substância. Entendia que algo como o 'fluido' não poderia ser disponibilizado para qualquer um, como se fosse uma vacina distribuída gratuitamente. Arthur via no RWTP-3 a oportunidade de riqueza e poder sem limites.

Mark Wertz estava à direita, com os braços cruzados. Aquela era uma experiência secreta, completamente sem avisos ao cientista líder da operação. Ele precisava que nada que fosse realizado ali chegasse ao conhecimento de Roberto. E, por isso, tinha escolhido Arthur para capitanear a operação.

“Vai dar certo” – pensou.

Arthur olhou para ele, movendo para o alto a proteção clínica de boca.

- Roberto ficará furo se descobrir que estamos realizando este procedimento sem a presença dele.

Wertz não lhe deu atenção.

- Talvez ele não fique zangado. Já sabia mesmo que a eficácia em humanos será exitosa.

- Devo ter perdido essa aula – murmurou Wertz.

Arthur sorriu, recolocando a proteção de boca.

- A inoculação está praticamente assentada. Em um curto espaço de tempo teremos a resposta – disse, observando os tubos que entravam e saiam do corpo do hispânico, injetando, de um lado, o RWTP-3, e retirando, do outro, o sangue, que era realocado num recipiente cilíndrico postado próximo do caixão.

Wertz assentiu com polidez. No fundo não nutria muita simpatia por Arthur. Tinham sido colegas na faculdade e ele quase morreu dirigindo uma motocicleta que havia adquirido de Arthur, sem saber que as peças tinham sido adulteradas.

Então, as luzes do painel piscaram, fazendo Arthur Flechert abrir um riso que escapou do protetor clínico de boca.

- Sucesso, caro Mark. Sucesso completo! – exclamou.

Mark Wertz deslocou-se para o lado, sacando o celular, observado por Arthur, que ainda vibrava, cumprimentando os auxiliares.

- Senhor, a operação foi concluída – disse o diretor para a voz masculina que atendeu na outra ponta da linha.

- A cobaia humana está íntegra? – perguntou-lhe o interlocutor.

Wertz mirou o hispânico, cuja expressão parecia mais saudável do que a sua, refletida no espelho do armário junto da parede à esquerda.

- Completamente – respondeu. – Já nem se vê mais qualquer sinal do carcinoma que revestia sua pele.

Houve uma relativa pausa.

- Perfeito. Cumprimente o doutor e sua equipe. Manteremos contato em quinze dias. Avise os investidores e prepare a transferência dos cilindros com as substâncias para meu departamento na Noruega. Elimine vestígios dessa operação. Nada deve ser divulgado.

Wertz refletiu um instante, antes de perguntar:

- E Jamerson, senhor?

A voz masculina vibrou um som metálico:

- Deixe-o comigo. Ele será convencido. Tenho uma carta importante a jogar. E ele não terá como recusar.

Capítulo Quatro

Sala de conferências da Unesco, New York, uma semana depois

Era a quinta vez que a astroarqueóloga Mariska Jamerson respondia ao mesmo interlocutor e, como se aquilo fosse algo que o deleitava, a cada nova pergunta, ele sorria, enquanto repetia os termos da nova indagação.

- Você não está invertendo as considerações de Sitchin⁴, somente para ter subsídios para as suas teses, professora? – disse ele, com uma voz plena de duplos sentidos, juntando as mãos perto do rosto.

Mariska, antes de responder, buscando conter a indignação pelo tom de voz utilizado pelo homem, fez um comprido e potente olhar até onde ele estava; algo como se tivesse se transferido para a poltrona junto dele.

- Meu caro, Zecharia Sitchin não foi o único a interpretar as tabuletas da biblioteca dos reis assírios. Diversos autores diferentes também o fizeram, talvez não com a mesma desenvoltura do famoso mestre. Todavia...

- Sim?

Ela inspirou profundamente.

- É necessário convir que as evidências documentais encontradas por ele, formularam impressionantes subsídios sobre os alienígenas do passado que influenciaram a vida humana nos seus estertores.

- Sitchin se refere aos comandantes extraterrestres – observou ele.

⁴ Zecharia Sitchin, Arqueólogo, Historiador e Escritor russo. Ao falecer, em 09/10/2010, era um dos raros acadêmicos capazes de ler as tabuletas de argila sumerianas.

- Sim, claro que sim.

- Na mesma linha de Von Däniken⁵? Ou você discorda de algum deles? – argumentou ele, com os braços em movimento.

Escutou-se um murmúrio entre os demais espectadores, no momento em que Mariska passou o polegar no próprio queixo, calando-se. Aquele era um ato previamente combinado com sua assessoria, para instantes em que espectadores insistissem em deslocar o foco da palestra para tornar o simpósio numa conversa exclusiva entre ele e a palestrante.

Jackson Print, o contra-regra da sua comissão, responsável pelo workshop, aproveitou a deixa para ampliar o telão posicionado ao lado da mesa de conferência.

Um som pictográfico encheu paulatinamente o vazio que se seguiu. No entanto, embora aquilo fosse capaz de encerrar qualquer debate particular, o interlocutor não parecia disposto a deixar de ser o debatedor principal daquele evento; como se, para ele, além dele e de Mariska, ninguém mais estivesse no salão.

- Peço especial atenção para tal dado – disse ele, com a voz num tom gutural, erguendo-se da poltrona.

Mariska arqueou as sobrancelhas.

- A professora Jamerson, a quem tenho diletta deferência, não se posicionou a respeito de quem, segundo ela, tem razão quanto ao possível modo de interferência alienígena no passado da raça humana – prosseguiu ele.

Mariska apoiou um dos braços na mesa, pondo a mão no queixo.

- Isso é de importância fundamental – continuou ele, girando o corpo, como se estivesse num pedestal móvel. – O objetivo desta palestra é exatamente o de esclarecer para todos nós como andam as escavações e descobertas arqueológicas da querida professora Jamerson.

Ele fez uma ligeira pausa, olhando para os presentes, dando, por um momento, as costas para ela.

⁵ Erich Von Däniken, Jornalista e Escritor suíço, defensor da idéia de que, no passado, a Terra foi visitada por seres alienígenas.

- Isso é de fundamental importância. – repetiu.

Mariska, imperceptivelmente, mexeu em alguns arquivos do seu laptop, onde existiam fotos de pessoas, buscando neles indícios sobre o homem. Fazia dias que tinha sido alertada sobre a possibilidade de sabotagem. Ela mesma já havia abortado um encontro semelhante, em Boston, exatamente por conta de informações que diziam respeito a atuação de seus adversários, interessados em expô-la ao ridículo.

A platéia não sabia se focava a atenção no impertinente espectador, ou se cobrava dela explicações para as dúvidas deixadas no ar. Mariska percebia o desconforto. Mas, relutava em manter o debate somente com ele. Apenas resolveu voltar à baila, após ouvir a sugestão do contra-regra, pelo fone de ouvido.

- Minha posição é bastante clara – disse ela, sem transparecer mais o desconforto. – Comungo da idéia de que os humanos e sua civilização foram forjados fora deste planeta. Como se tudo o que aqui existe tivesse sido planejado e organizado em outro lugar. Como se fossemos apenas os participantes de um jogo onde as cartas melhores estarão sempre com o dono delas. Como se nossos destinos, nossos costumes, nossa maneira de viver, tivessem sido urdidos estrategicamente, para satisfazer interesses não-humanos, diretrizes alienígenas.

Ela fez uma pausa, olhando diretamente para o homem.

- Vocês conhecem minha opinião a respeito dos livros sagrados. Todos eles. Bíblia. Corão, Tora...

- Que bom – disse o homem.

Ela fez que não ouviu, prosseguindo.

- Neles há pistas extraordinárias a respeito de como existiu, no passado, interferência alienígena na formação da sociedade humana.

- Você chegou agora ao ponto – disse ele. – O destino humano não pertence aos humanos, não é isso? Em todos os campos. A crença na presença de Deus no campo de batalha em uma guerra vindoura, como a prevista por Ezequiel, talvez em Gogue e Magogue.

Ele silenciou e girou no próprio eixo, saboreando as palavras.

- A última batalha – disse, triunfalmente.

- Você deveria estar na mesa junto com ela – sugeriu uma mulher de cabelos ruivos e tatuagens no braço, sentada próxima dele.

Ele sorriu candidamente, mas sem deixar de trocar um rápido olhar com Mariska.

- Uma batalha onde deuses e homens lutarão lado a lado, como no passado – disse ele.

Mariska o aplaudiu, puxando aplausos discretos.

- Uma dessas guerras, meu caro, bastante romantizada, ocorreu entre os gregos aqueus e os troianos.

- Os mil navios no mar – ele riu, sem ser indiscreto.

- Sim. – concordou ela.

- Os deuses sempre agindo em favor dos homens.

Mariska sacudiu elegantemente a cabeça.

- Nem sempre. – disse – Homero⁶ culpou o capricho dos deuses por instigarem o conflito, retorcê-lo e leva-lo até suas grandes proporções derradeiras. Agindo direta e indiretamente, ora vistos, ora não vistos, os deuses empurraram os principais atores desse drama humano aos seus destinos, de acordo com os seus interesses.

- Você critica a atuação deles?

Ela o olhou com firmeza, sem ser indelicada na resposta.

- Ninguém me convencerá de que uma civilização, ou várias civilizações, milhares de vezes mais adiantadas do que a nossa, em todos os aspectos, ao nos encontrarem neste planeta, despidos de qualquer tecnologia ou formação social, tivesse apenas a intenção de colaborar para a nossa evolução. Nisso não acredito e tenho firmeza nas afirmações que faço.

- Ora, ora – murmurou ele. – Vai discorrer, por acaso, agora, sobre explorações anunnakis, ávidos por ouro, ou a respeito das supostas guerras nucleares nos céus antigos da Índia e do Oriente Médio, descritos no Mahabharata⁷?

⁶ Narrador grego das histórias dos deuses e heróis., autor de *Iliada*.

⁷ Livro Sagrado Hindu.

- Não são mitos. Recomendo que busque as respostas para isso nas obras de pesquisadores abalizados, como Chiera⁸.

- É uma idéia não muito acalentadora, professora. – disse ele. – Os sistemas de regras sociais, econômicas, agrícolas e militares humanos funcionaram condizentemente, após determinada época da história. Antes disso, o caos. Do caos, à ordem.

- Essa é a sua opinião. Não sei ainda com qual propósito, mas não consigo acreditar que sejam tão bonzinhos assim, meu caro.

- Equipara-os, sem nenhum demérito, aos conquistadores espanhóis, na descoberta da América...

- Invasão, se me permite dizer – observou ela, elevando um dedo. – Invasão e destruição, com a implantação de um novo sistema de regras, aproveitando o que já existia nos reinos incas, maias e asteca.

- Bem, ao menos aí existiam regras estabelecidas.

- Sim. Existiam.

A música aumentou o volume, e Mariska fez um gesto agradecendo a ele e todos os demais. Em seguida, enquanto ela acompanhava a exibição das imagens finais no grande telão, onde se exibiam cenas das localidades onde seus estudos e escavações se desenvolviam, ela, quase que automaticamente, trocava repetidos olhares com o homem misterioso.

A sessão terminou, depois de meia hora, após o fim da exibição. O mestre de cerimônias proferiu os reclames finais, agradecendo a presença da palestrante e dos espectadores, convidando-os para o próximo evento, a ocorrer dali a seis meses, enquanto jovens distribuíam papeletas com os endereços eletrônicos da equipe de Mariska Jamerson.

Ela sentia-se exausta. Sua vontade era correr para o banheiro, lavar o rosto, beber um litro de água e jogar-se na cama.

Naquele instante, existia um punhado de documentos espalhados junto do microfone, vários deles com as pontas riscadas. Tratava-se do

⁸ Escritor e pesquisador italiano. Autor de Sumerian Epics and Myths.

rescaldo daquela longa conferência, cheia de surpresas e bastante concorrida. A astroarqueóloga sorria um riso cansado e longínquo.

Pensava na viagem que se aproximava para o Egito, mirando os rostos que se aproximavam, capitaneados por um homem com ar senhoril e com poucos cabelos, que avançava lentamente, procurando um caminho entre as poltronas. O seu interlocutor. Um espasmo de inquietação percorreu sua face, mas ela sufocou o sentimento inspirando fortemente.

“Ele outra vez. O que quer, afinal?” – pensou, sem permitir transparecer a chateação.

- Será que alienígenas existem mesmo? – perguntou-lhe o homem, parando e exibindo um riso armado e gentil, que o deixava particularmente elegante.

Do alto do tablado, Mariska devolveu a cortesia, observando, que o homem tinha uma curiosa verruga entre os cabelos ralos.

- Você conhece alguém que tenha realmente visto um?

- E você conhece alguém que tenha visto Deus? Mas mesmo assim bilhões acreditam nele – rebateu a astroarqueóloga num tom cordial.

— Boa observação – disse ele. – Penso que o que você enxerga e vive agora, sua existência, essa cidade, a civilização, a ciência, as perdas e as conquistas do presente, nada mais são do que o futuro de um passado glorioso, de onde vieram os viajantes que retornaram. Estou disposto a colaborar financeiramente com sua expedição, se permitir.

Ele cruzou as mãos sobre a mesa. Mirou-a com uns olhos esplendorosos, e prosseguiu, medindo as palavras, pois sabia que iria espantar a astroarqueóloga:

— Sei dos experimentos científicos do seu marido. O fluído. A experiência com a substância milagrosa destinada a substituir o sangue humano e eliminar todas as doenças, possibilitando vida extremamente longa.

Ele exultou, embora continuasse a imprimir um tom discreto na voz:

— Esplêndido. Realmente fantástico.

Ela recuou, sem conseguir disfarçar sua inquietação.

— Mas... como sabe?

Ele foi rápido, agindo ante a surpresa provocada:

— Estive no Vale do Silício. Assisti o experimento. Será uma honra poder financiar o trabalho de vocês.

A astroarqueóloga fitou-o detidamente com ar cada vez mais desconfiado, imaginando como poderia saber do Fluído.

— Roberto talvez não saiba.

Vendo-a absolutamente desconcertada, ele arrematou:

— Ahn – esticou o braço. – Permita que me apresente. Meu nome é Enoque Riberstein. Seu marido jantou comigo semana passada.

Ele hesitou um instante, avaliando a expressão da astroarqueóloga.

— Fiquei encantado com seus projetos, e vou financiá-lo.

— Não estou acreditando. — disse Mariska com o rosto sombreado.
— Deseja colaborar comigo e com Roberto? Que sentido há em financiar estudos arqueológicos e, na outra ponta, dar sustentação financeira para projetos científicos que divergem de tudo o que procuro?

Enoque sorriu garbosamente, deixando a dúvida no ar.

Capítulo Cinco

Uma hora e meia depois

Mariska desceu, aos pulos, os degraus finais da escada rolante, que dava acesso à avenida portuária. Tinha pressa. Estava cansada. Queria relaxar. Mas, além de tudo isso, sentia um estranho aperto no peito, e, por intuição, algo que cultivava desde criança, sabia que deveria ligar para as pessoas que mais amava.

E no topo da lista estava o seu marido.

Andando apressada, e desviando dos braços e corpos das pessoas que vinham em sentido contrário, a pesquisadora digitava e redigitava os contatos de Roberto Jamerson. Escritório, central de pesquisas, hotel, casa, todos os possíveis números dos lugares onde talvez estivesse.

“Droga” – esbravejou em pensamento, maldizendo a terrível mania de Roberto de manter longe dele, qualquer tipo de celular.

“São instrumentos eletroquímicos, querida” – lembrava-se ela sobre o que ele dizia a respeito. – “Capazes de fritar você por dentro”.

“Somente você para me fazer rir com isso, Bob” – pensou ela, mexendo os cabelos.

Ao mover o corpo para atravessar a avenida, em busca de táxi, Mariska olhou instintivamente para o alto. Nuvens escuras se aglomeravam no alto dos arranha-céus.

- Está com medo dos aliens, professora? – disse-lhe o seu assessor de imprensa, que surgiu do estacionamento.

- Oh, Jacob – disse ela, contendo o susto. – Que coisa. Da próxima vez usarei gás de pimenta em você.

Ele sorriu, de dentro do veículo.

- Que nada. Talvez eu use como tempero. Esqueceu que tenho sangue mexicano nas veias também?

Mariska balançou a cabeça.

- Quer carona ou vai ficar mirando as nuvens pra ver se um alienígena salta de dentro de uma delas?

Mariska fez um olhar mortiço para ele.

- Nem assim consegue ficar feia – brincou Jacob.

- Agradeço, mas vou de táxi. Tenho que parar em dois lugares antes de ir para casa. – respondeu, esforçando-se para ser suficientemente convincente com a desculpa que encontrou.

Ele a mirou por três segundos, retendo o comentário que faria em seguida.

- Ok. Nós nos veremos depois na reunião? – perguntou ele, iniciando a aceleração do veículo.

- Sem falta. Sem falta.

Desvencilhando-se de Jacob, Mariska acenou e o táxi, que seguia na outra via, estacionou, abrindo a porta.

- E depressa – disse ela ao condutor, após informar o endereço.

“Roberto. O que você estará fazendo agora?” – pensou, olhando para fora.

A ponte estava com sinal fechado e o veículo amarelo parou diante das faixas de pedestres com uma freada que sacudiu o interior.

- Desculpe – disse o motorista. – Distraí-me ao vê-la pelo retrovisor. É a escritora e professora Mariska Jamerson, não é?

Ela fez um aceno positivo, sorrindo discretamente. Seu olhar e sua atenção estavam concentrados no que acontecia do lado de fora. Naquele trecho da cidade havia chovido, e Mariska notava uma anormal movimentação em direção ao setor sul de Manhattan.

- Sou fã de suas pesquisas, e acompanho as suas publicações a respeito. – prosseguiu ele, com olhos agudos presos no retrovisor.

- Que bom. Agradeço por isso.

Ele olhou pra frente. O semáforo ainda estava no vermelho.

- Olhe aqui – disse ele, exibindo dois surrados livros. – Veja. Reli cada um deles ao menos três vezes. Você está conseguindo transformar a arqueologia em algo popular, fácil de ser compreendido e gostoso de apreciar.

Mariska elevou as sobrancelhas bem feitas, mexendo o queixo. O sorriso espontâneo de satisfação que apareceu em seu rosto, fez surgir um par de pequenos e belos furos nas maçãs da face.

O sinal ficou amarelo.

- Bem – continuou ele, guardando os livros no reservado do carro. – Siga assim. Traga para pessoas comuns como eu, as informações do passado deste planeta, usando sempre sua linguagem direta e fácil de ser compreendida. Adoro seus livros.

Ele acionou o acelerador. O sinal ficou verde. Mariska olhou para o alto. As nuvens escuras pareciam seguir o veículo, ultrapassando as brancas como se fossem bólidos em sentido contrário.

Seu rosto corou.

- Adoro seus livros. – disse ele, orgulhoso.

Mariska ficou em silêncio.

- Sua vida deve ser fantástica. Jovem, aventureira. Incrível. Deve ser fantástico pesquisar e visitar lugares onde poucos foram e publicar tudo isso em livros como você faz – disse ele, olhando-a rapidamente, através do retrovisor.

Ele percebeu que Mariska estava concentrada, com olhos fixos para o alto.

- Posso ajudar em algo? – perguntou o motorista?

Mariska não respondeu. Estava com o pescoço espichado para fora.

- Não é um avião. Diga, por favor, que não é nenhum avião – disse ele, fazendo um gesto com a mão direita, representando o choque com um prédio. – Este mundo está repleto de loucos e desnorteados, interessados em detonar nossa civilização.

Mariska olhou para ele. O termo civilização a tinha despertado dos pensamentos e das nuvens.

- Estou bem – disse.

Ele sorriu, segurando as duas mãos no volante. Ela o mirou por um instante, antes de fazer uma pergunta que havia surgido momentos atrás.

- Fico feliz em saber que gosta de meu trabalho. Posso lhe fazer uma pergunta? Queria saber de você o que pensa exatamente de nossa civilização. Poderia me dar sua opinião? Isso muito me ajudará na elaboração do meu próximo livro.

Ele encheu os pulmões. Sentia-se a própria personalidade.

- Ora, está na cara que o homem não fez nada disso.

Pigarreou.

- Quer dizer. Fez, mas com a ajuda de alguém. Criaturas de fora, se me entende.

Ele a mirou por um instante.

- Acho que a nossa vida na Terra seria bem diferente se não fossem os alienígenas – prosseguiu. – Os caras devem ter interferido em tudo aqui. Religião, ciência, agricultura. Enfim, exatamente como você defende em seus livros.

- Somente eu, não. Muitos estudiosos têm a mesma idéia – observou Mariska.

- Gente esclarecida – falou ele, dobrando para a direita.

Ela cruzou o olhar com o dele, pelo retrovisor.

- É nisso que acredita? Meus livros o fizeram pensar assim? – perguntou.

Ele apertou a buzina, alertando um ciclista, que vinha de uma praça.

- Acredito que se o homem não tivesse recebido apoio e orientação de seres alienígenas, nossa civilização ainda usaria relógios de cordas – disse, mudando a marcha do carro.

Depois, ele riu um riso verdadeiro que a contagiou.

- Isso mesmo. O máximo que a raça humana teria conseguido inventar seriam relógios de corda – continuou.

Em seguida, exultante, exibiu um celular moderno, antes de concluir:

- Isso aqui – disse, todo risonho. – Isso é coisa de extraterrestres. Louco é quem duvida e diz o contrário. Eu creio em aliens. Somente não acredito nesses malucos que dizem ter contatos diretos com ele, fazendo cirurgias astrais ou coisas do gênero. Os caras vieram de longe até aqui com algum propósito, só não sei bem qual é.

Mariska sorriu, olhando para o seu celular, louca para receber uma chamada de Roberto.

- É, o senhor tem opinião formada, pelo que vejo. – disse.

Ele a olhou pelo espelho, notando rugas no rosto dela.

- A senhora parece preocupada. Olhava muito para o lado de fora. Há algo em que posso ajudar?

Ela franziu a testa por um instante.

- Quer ajudar? Então, me explica se nuvens podem trafegar no sentido contrário ao dos ventos. – disse.

Capítulo Seis

Alguns dias depois

O telefone vibrou e Roberto somente o atendeu após o terceiro toque.

— Finalmente — disse a voz feminina, vinda de centenas de quilômetros dali.

— Desculpe, amor. Você sabe que preferi me recolher, depois de todo o estardalhaço.

— Você é a primeira pessoa que vejo fugir do sucesso.

— Mariska, você sabe muito bem...

Ela suspirou.

- Faz dias que tento falar com você, Roberto.

Ele silenciou. Ela também.

— Nem parecemos mais casados — disse ela, num estalo.

Ele manteve o silêncio.

— Você totalmente envolvido com seus planos.

Roberto também suspirou.

— Eu completamente enlaçada pela possibilidade...

Mariska relutou um instante.

— Você sabe muito bem a que me refiro — concluiu, num tom baixo.

Roberto jogou as pernas sobre o estofado, apoiando a coluna na almofada gigante, enquanto apontava o controle para a televisão. Como cientista, ele tentava usar as habilidades de observação que conseguia reunir, mesmo diante de alguém tão investigativa quanto Mariska.

— Viajo semana que vem — prosseguiu ela, com a voz melosa.

Roberto permaneceu quieto.

— Queria muito estar com você agora. Muito.

Ele olhou para o lado, notando a luz que atravessava o vitral da janela próxima da parede de vidro.

— Como o amo, Roberto...

Ele ouviu um rumor, seguido de um suspiro profundo. O vitral brilhava cheio de vida, enquanto a luz o percorria.

— Eu também, amor — disse, sem desviar-se da novidade.

— Estou muito feliz com o seu sucesso. Já reparou que tudo tem dado certo ultimamente? Financiamentos, reconhecimento... tudo — disse ela.

Roberto tornou a silenciar.

— Enoque Riberstein tem sido uma pessoa importante em nossas vidas.

Ela calou, de repente.

— Mariska — disse Roberto, erguendo-se.

— Infelizmente o dinheiro dele tem sido o maior responsável por estarmos tão distantes um do outro. Trabalho, trabalho e pesquisas, nossas vidas parecem destinadas somente a isso, Roberto.

Roberto não respondeu. Seguiu a fonte da luz, verificando que ela provinha de uma estranha coisa, que se movia como algo vivo, algo que ondulava do lado de fora, enchendo sua casa com um brilho penetrante.

— Está ouvindo, Roberto?

O clarão literalmente jorrou sobre ele. O engenheiro biocibernético estremeceu e pulou para trás, com a luz arrastando-se em torno dele. Sem reação e boquiaberto, Roberto ficou quieto, em pé, envolvido pela luz, que se moveu e se expandiu, atravessando a janela, a porta e a parede de vidro.

Então, ele tentou reagir, mas alguma coisa lhe dizia que seria inútil. Um plasma surgiu diante dele. Roberto tentou pensar, mas seu cérebro parecia travado. Aquilo era novo e, como pesquisador, resolveu se entregar, contabilizando até onde poderia manter a razão.

— Roberto, você está aí?

De repente, ele se viu dominado pelo plasma, que parecia um objeto oco, uma massa tremeluzente cheia de cores e sinais totalmente desconhecidos. Roberto sentiu-se observado e examinado por uma força infinitamente superior a tudo que já havia experimentado.

Então, ele olhou para a televisão e escutou o fim do noticiário, que dizia algo jamais imaginado em sua mente:

— É verdade que o senhor aprovou o uso sistemático em humanos já neste ano? — perguntou a repórter, seguindo os passos apressados de um homem.

— Todas as doenças humanas serão erradicadas com o fluído? — indagou um repórter baixinho, com o braço esticado.

— O homem poderá ter a vida alongada por centenas de anos, professor? — questionou um jornalista com sotaque russo.

— Claro que sim. Não há porque esperar. O futuro tem pressa. O fluído surgiu para cessar a dor humana. A substituição do sangue humano pela substância existente nele, propiciará, além do fim de todas as doenças, o surgimento de uma nova era. A era dos deuses humanos — respondeu o homem, sorrindo efusivamente.

A voz de Mariska desviou seus olhos da luz.

— Você está aí ou largou o celular para ir admirar o seu maldito invento? — insistiu Mariska.

Sem deter mais o controle das suas reações, Roberto Jamerson sacudiu o corpo, levando o celular até a boca.

— Sim, estou aqui. Escutava sua voz, somente para tê-la presente até o seu retorno.

Ela suspirou fortemente. Ficaria, contudo, assustada, se pudesse ver a expressão de horror que tinha assumido o semblante do marido. Roberto parecia não acreditar. Seus olhos desejavam fechar-se, mas a força que os mantinha abertos era superior, e não estava disposta a tanto.

“Meu Deus” — pensou ele, aturdido.

Roberto não conseguia imaginar. Simplesmente não conseguia. Ele alertou todos os seus sentidos. Tentou gritar, mas não podia. Suas pernas e braços não pareciam ser mais seus. O domínio sobre sua mente, enfim, reduzia-se velozmente.

O celular ficou em silêncio.

Ninguém emitia som algum agora, ninguém. Ocorreu a ele tentar largar o aparelho, para chamar a atenção de Mariska, mas não havia forças para tanto.

A luz e o plasma eram, agora, uma só coisa, plenas de cores que pareciam vir de recordações perfeitamente detalhadas, movimentadas e cheias de vigor.

— Eu te amo, amor — disse Mariska romanticamente.

“Meu Deus” — gritou Roberto dentro do último canto livre dos seus pensamentos.

O homem entrevistado na Tv era ele.

Capítulo Sete

Roberto se despediu de Mariska, deixando juras de amor e promessas de novos contatos, logo que o dia amanhecesse. Mas, ele sabia que não era mais senhor das próprias ações.

Então, após alguns minutos sob absoluto silêncio, ele ouviu um som abafado ribombar dentro da sua mente. Era uma voz profunda, como aqueles sons que nunca parecem ter explicação, e que provém de todos os lados.

— Esteja em paz, aquele que quer ser um deus — disse a voz.

Roberto olhou para o lado e pra frente. Houve um ruído forte e ensurdecedor, quando tentou livrar-se do império.

— Não há porque temer, filho dos homens. O que você anseia é também o nosso objetivo.

Veio uma escuridão quase completa, ofuscada somente pela luz e pelo plasma insinuante. As lâmpadas tremularam e Roberto sentiu como se uma tempestade estivesse ocorrendo dentro da sua cabeça. Ele viu um portal enorme se abrir e imagens de pessoas vibrarem dentro dele. Havia uma multidão. Pessoas do seu tempo, que formavam gigantescas filas diante de portões onde se lia um só nome: fluído.

Surgiram outras imagens, e uma gente vestida como nos tempos antigos começou a aparecer e interagir cada vez mais nitidamente. Roberto viu cavalos e camelos. Sentiu-se sobrevoar as pirâmides, percebendo a delicadeza da brisa de um grande rio, que julgou ser o Nilo, mas que logo em seguida compreendeu ser outro, tão distante quanto a dádiva do Egito.

— Convidamos você a fazer essa viagem, filho dos homens. Venha conosco. E logo entenderá que o mundo em que vive representa apenas a parte mínima de um passado que já foi glorioso.

Roberto sentiu uma agulhada debaixo dos cabelos de sua cabeça.

— Está tudo bem, filho dos homens — reconfortou-o a voz. — Venha e conheça um pouco daquele que acreditou ter deixado de nos servir.

E então, sem qualquer novo aviso, o portal se agigantou e envolveu Roberto, levando-o a ver as cenas de uma aventura transcorrida muito tempo atrás.

Parte II

#

A GLÓRIA DE DEUS

Saibam que Allah jamais falta à sua promessa, porque um dia, para o teu Senhor, é como mil anos, dos que contaís.

Alcorão Sagrado

22^a Surata – Al Hajj – A Peregrinação – Parte 17

Eram como homens. Eram homens. E o fulgor estava em volta deles. Como o aspecto do arco que aparece na nuvem no dia da chuva, assim era o aspecto do resplendor em redor. Este era o aspecto da semelhança da glória do Senhor; e, vendo isto, caí sobre o meu rosto, e ouvi a voz de quem falava e me ordenava.

Bíblia, Antigo Testamento
Livro do profeta Ezequiel 1:28

Vou pegar a celeste Tabuleta dos Destinos;
Os decretos dos deuses governarei;
Estabelecerei meu trono;
Ditarei minhas regras;
Sou o mestre e dono dos decretos celestiais;
Para a todos reger;
Os igigis em seu espaço comandarei;
Em todos os universos;
E sobre todas as formas de vida.

Tabuleta dos Destinos Zu, London University
Livro III das Crônicas da Terra – Zecharia Sitchin

Capítulo Oito

Sul do rio Eufrates, exílio hebreu na Babilônia de Nabucodonosor

O homem se arrastava como se fosse um animal ferido e acuado.

A gruta onde se escondia era escura e sufocante. Ele, na verdade, pouco se importava com o desconforto. Não ligava para os lábios ressequidos e cortados e nem tampouco para a ausência total de luz no lugar.

Queria mesmo era sobreviver por mais um tempo, num ambiente hostil, tentando driblar a morte. Tinha tomado uma decisão que sabia não permitir que nada lhe restasse.

Tudo não passaria de recordações. Sua família, sua existência, suas idéias e atitudes. Tudo. Mesmo assim, ele regozijava-se por saber ter feito o certo, no seu modo de ver.

Então, ele ouviu um rumor. Arrastou-se rápido como um lagarto, encolhendo-se no canto mais inalcançável do lugar, misturando recordações com grunhidos surdos. Ficou imóvel, sufocando a respiração. Segurou os pés com as mãos feridas. Suas roupas rasgadas. Sua mente repleta de pensamentos esparsos dentro de uma cabeça agonizante. Sua silhueta como a de um espantalho assustado.

Novos ruídos. Um feixe de luz penetrando por entre as pedras.

Zumbidos e passos. Muitos passos. Um estrondo sincronizado, seguido de um farfalhar metálico.

Finalmente, um resplendor por debaixo e acima das rochas, que iluminou destacadamente a sua face.

Com um último fio de esperanças, e cheio das recordações de quando tudo se iniciou, ele respirou profundamente, resignado. Tinha alcançado o seu objetivo.

Todo o resto havia ficado pra trás, bem escondido num lugar que nem ele conhecia ou poderia dizer.

Capítulo Nove

Cercanias do rio Quebar, início do exílio na Babilônia

Tudo aconteceu às margens do rio Quebar, no cimo de uma colina verdejante, onde havia pequenas tocas de roedores, e para onde os anciões, os sacerdotes e os profetas levavam os jovens filhos – especialmente os eleitos como seus prováveis sucessores, com o objetivo de buscar contato com aquilo que chamavam de *‘a voz que vinha do céu’*.

Corria o quinto dia, do quarto mês, no quinto ano do cativeiro do rei Joaquim, durante o período do exílio do povo hebreu, na Caldeia, a abundante, disputada e vasta planície mesopotâmica.

Havia um par de homens com olhos fixos no dobrar das vagens açoitadas pela ventania setentrional. Um deles era Ezequiel, filho do respeitado sacerdote Buzi; que, como o pai, servia como profeta escolhido para ser o interlocutor de Deus com os homens de sua etnia.

O outro homem, próximo dos trinta anos, chamava-se Ariel e parecia tenso. O nome lhe fora dado por Ezequiel em homenagem à Jerusalém. E ele disso se orgulhava bastante. Todavia, naquele momento, e para aquilo que seu pai o avisara, preferia não ter o nome de um anjo.

Ariel havia se preparado para aquele instante por muitos anos. Trabalhando com os clérigos e sacerdotes, colhendo os ensinamentos dos patriarcas, discutindo com eles os seus pensamentos, que se divisavam do entendimento comum.

Ele acreditava que Deus deveria ser tão humano quanto ele e seus irmãos de raça, embora não compreendesse de onde provinha seu poder e nem por qual motivo ele era eterno.

Seu sublime enfrentamento aos ensinamentos dos patriarcas se verificou durante uma reunião, quando lembrou que o próprio Jacó havia se debatido braço contra braço com o Todo-Poderoso, no rio Jaboque, o que para ele significava ser Deus tão homem quanto qualquer um dos hebreus.

Isso provocou a ira e a indignação entre os pares de seu pai. Cogitou-se um açoitamento. Pediu-se sua expulsão e houve até mesmo quem exigisse que Ariel fosse passado ao fio da espada.

No entanto, o prestígio e a força das palavras de Ezequiel prevaleceram, e Ariel recebeu somente uma reprimenda do sacerdote Buzi.

Silenciosamente, Ezequiel procurava conviver com as opiniões do filho acerca de Deus e sua existência divina. Evitava discussões, pois preferia acreditar que se tratava de uma busca pela verdade, o que necessitava de uma provação. Com algo palpável. Indiscutível. Absoluto.

Por isso estavam os dois ali, na colina, junto ao rio Quebar.

Um junto do outro. Com olhos que focavam o alto, mirando o agito das nuvens.

Ezequiel, soberano, esguio e confiante. Ariel, sem cor alguma no rosto, com aquela feição de ansiedade típica de quem vai a um encontro importante e decisivo.

As suas e as roupas do seu pai sacolejando sob um vento cada vez mais intenso. Os animais se escondendo nas grutas e buracos. As aves soltando grasnidos perturbadores. A força do sol debelada à metade. As plantas e árvores rígidas, apesar do vento.

Então, um fulgor súbito num canto do céu. Um riso esperançoso na face do profeta. E tudo aconteceu.

- A mão do Senhor está sobre nós – balbuciou Ezequiel.

Os dois olharam para o mesmo lugar. Olharam, viram e sentiram um vento tempestuoso, que vinha do Norte. Uma grande nuvem, com fogo a

revolver-se ao redor dela. E, no meio de tudo isso, uma coisa como metal brilhante, que saia do meio do fogo. Algo imponente, grandioso e que espargia um poder inalcançável, solene e indigitado.

- A glória do Senhor – anunciou Ezequiel, com os olhos arregalados.

Ariel suava, apesar da ventania que agora balançava as madeixas dos seus cabelos castanhos. Era a sua primeira vez. Tudo o que seu pai e o sacerdote Buzi disseram. Tudo o que as Escrituras relataram. Aquilo que os patriarcas testemunharam.

- A nuvem de Deus! – exclamou Ezequiel, erguendo os braços magros e repletos de pelos.

Ariel colocou as mãos diante do próprio rosto. Estava ali. Envoltos em fogo, nuvens e resplendor, a glória de Deus, exatamente como ouvira dezenas de vezes das bocas dos sacerdotes. Como escutara da boca de seu pai. Como lera nos textos reveladores.

- Yaveh – louvado seja o seu nome. Nosso Deus. Aquele que é o mesmo Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. O Deus de Israel. Foi quem abriu as águas e levantou o povo do jugo do Egito. Estamos aqui, ó Senhor Deus que a tudo criou. Estamos aqui – exultava a seu lado Ezequiel, com as mãos agitadas.

A coisa metálica deu rodopios velozes.

Houve um estrondo igual ao do trovão. As nuvens refulgiram e mudaram de cor, e o sol pareceu ter sido reduzido à metade. Um turbilhão assomou entremeado por outros estrondos e brilhos.

Do meio do fabuloso resplendor que a cercava, surgiram de dentro dela quatro figuras, cujas aparências fizeram com que o profeta caísse com o rosto em terra.

Ariel podia esperar por tudo. Absolutamente tudo. Tinha aguardado por aquele momento como se a partir dele a sua vida nada mais significasse. Tudo o que tinha aprendido. Todas as lições, todas as discussões com os sacerdotes. Tudo o que havia imaginado a respeito de Deus. Esperava por tudo, exceto por aquilo que se exibía indescritivelmente diante de seus olhos.

Com o rio Quebar como testemunha, ele não se prostrou de imediato, permanecendo imóvel por vários minutos, até sentir o dobrar dos joelhos, com o conseqüente choque do seu corpo nas pedras da colina.

Os seres vivos, como seu pai os denominou mais tarde, tinham quatro faces e eram extremamente semelhantes ao homem. Seus vários rostos assemelhavam-se às formas de animais, cujos aspectos lembravam o fogo ardente.

Dos seres saíam relâmpagos e resplendor.

Eles tinham também asas e as suas pernas eram direitas, embora as plantas dos seus pés se parecessem com as de um bezerro, com um luzir estranho e forte como o bronze polido.

Debaixo das asas eles tinham mãos de homens. As asas de todos eles pareciam estar unidas, seguindo juntas para cada um dos lados que se virassem.

Ariel os mirou com profundidade e percebeu que sobre as cabeças dos seres havia algo semelhante ao firmamento, como cristal brilhante, que o assustou por um momento, especialmente quando as asas se uniram, produzindo um estranho som metálico.

Os seres vivos não estavam sós. Junto com eles existiam rodas ao lado de cada um deles, cujas estruturas eram brilhantes como o berilo e pareciam girar uma dentro da outra, movendo-se em todas as direções. Andando os seres vivos, andavam as rodas ao lado deles. Elevando-se os seres, elas também se elevavam. Parando os seres, elas faziam o mesmo.

Veio, então, uma voz da parte mais alta da coisa metálica e resplandecente, onde surgiu uma imagem tremeluzente de um homem sentado sobre um trono, tendo diante de si um altar.

Ariel ficou-o absolutamente interessado, percebendo que ao redor dele havia um metal ainda mais brilhante do que tinha visto até então, com um fogo vivo e abrasador flutuando entre as suas mãos, tendo um arco cheio de cores vivas a circular-lhe a face, impedindo sua completa visualização.

Então, sem saber explicar se ainda tinha o domínio integral dos seus membros, ele também se prostrou, no exato instante em que, de dentro da glória de Deus, soavam as primeiras palavras do Senhor.